



A intertextualidade de Edgar Morin

*Roberto Ramos**

Resumo

Os textos de Edgar Morin, implícita e explicitamente, trazem influências filosóficas diversas. Possuem uma unidade, através da concepção do Paradigma da Complexidade. Tal intertextualidade será o objeto de estudo do presente ensaio, com uma abordagem qualitativa e transdisciplinar, para que possamos compreender as características do Conhecimento complexo e a sua respectiva produção.

Palavras-chave: FILOSOFIA — COMPLEXIDADE — INTERTEXTUALIDADE

* Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da FAMECOS – PUCRS, Brasil.



A intertextualidade de Edgar Morin

*Roberto Ramos**

Abstract

The texts of Edgar Morin, implicitly and explicitly, they bring different philosophical influences. They have a drive through the design of the Paradigm of Complexity. This intertextuality is the object of study of this test, a qualitative approach and transdisciplinary, so we can understand the characteristics of complex knowledge and their respective production.

Keywords: PHILOSOPHY — COMPLEXITY — INTERTEXTUALITY

* Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da FAMECOS – PUCRS, Brasil.



A intertextualidade de Edgar Morin

Há quem divinize o Paradigma da Complexidade. Existem aqueles que o demonizam. Ambos parecem, em suas diversidades, se nutrirem de uma unidade. Estão agenciados por uma lógica maniqueísta, que se operacionaliza na absolutização e nos extremos. Esvaziam o sentido histórico de qualquer produção filosófica, insuflados por uma fonte quase inesgotável de superficialidade.

Os, que o divinizam, parecem, agora, ter encontrado a suprema e inquestionável verdade de todo o saber. Convenceram-se, com extrema facilidade e com uma superficialidade intelectual, orquestrada pelo sentido de quem leu um livro e não precisa mais nada.

Os, que o demonizam, possivelmente, nem leram qualquer livro, porém já foram persuadidos. Podem afirmar que o Paradigma da Complexidade não é um método científico. Talvez, um dos métodos mais descrito e refletido em um conjunto de obras. Ambos parecem que não nutrem uma percepção. Não se faz Ciência, sem teorias e métodos, mas, ao mesmo tempo, todos estão atravessados por suas próprias relativizações. São produções históricas, sociais e culturais, como tal não detêm a verdade absoluta, para ensinar uma fé inquebrantável.

O termo, Método, em seu sentido científico, tem sido envolto em uma intensa ambiguidade. Vem sendo pronunciado, sem a devida verossimilhança. Assim sendo, tudo parece virar método, sem nenhum critério filosófico e sem nenhuma sustentação de sentido razoável.

Para ser Método, existem alguns pré-requisitos bem claros e notáveis. É pertinente estabelecer um conceito de Conhecimento. Precisa especificar as formas de sua produção. Também, necessita caracterizar as práticas dos pesquisadores, ao disponibilizá-lo em uma prática científica. Com isso, fará e terá sentido.

Assim sendo, o presente ensaio procurará compreender e explicar o Paradigma da Complexidade, como um método científico. Para tanto, investigaremos as suas influências filosóficas, que dialogam com outros métodos, como a Dialética Histórico Estrutural (DHE)



e o Estruturalismo, através do seu signo-objeto, do seu signo teórico e do seu signo metodológico.

Cultura: uma essência

Qualquer tessitura semiológica não é uma homogeneidade, inscrita na linearidade. Não há medidas, pesos e volumes iguais e desiguais. A simetria dá lugar às relações assimétricas. Existe o essencial e o aparente, tal qual observou Lukács (1989) a respeito dos fenômenos sociais.

O essencial é o estruturante, que apresenta invariância. Possui constância, supratemporalidade e supra-espacialidade. Move-se pelo simbólico. O aparente é o determinado, o circunstancial, com expressão conjuntural, movendo-se pelo seu sentido imaginário.

A Cultura, conforme Barthes (s.d., p. 88), são “as nossas leituras, as nossas conversas e as nossas músicas”. Significa o Intertexto, o grande conjunto de influências textuais, que armazenamos consciente e inconscientemente, sendo produzido e reproduzido, com explicitude e com implicitude. É o que ocorre com Edgar Morin, ao tecer as suas concepções do Paradigma da Complexidade.

No universo semiológico do Paradigma da Complexidade, encontramos os signos essenciais e os signos aparentes. Os essenciais, pelos seus perfis estruturantes, serão contemplados pela nossa leitura. São os seus três signos essenciais: o Signo-objeto, o Signo teórico e o Signo metodológico.

O Signo-objeto estabelece o objeto de estudo, singularizado pelo próprio Paradigma. É desenhado pela própria importância do seu Nominalismo. O Nome não é uma opção aleatória, nem empreendimento gratuito. Tem um papel de fundação. Torna real. Concede materialidade. Transcende a sua temporalidade. É eterno, em seu sentido invariante. Althusser (1992, p. 193) anota a essencialidade do Nominalismo: “ Marx iria me ensinar que o Nominalismo é o caminho real para o Materialismo, a bem da verdade, é uma via que só desemboca em si mesma, e não conheço forma mais profunda do Materialismo, além do Nominalismo.”



O papel do nome é primordial. Materializa a condição de real. Garante as trocas simbólicas de conhecer e de ser reconhecido, de interpelar e de ser interpelado. A sua pronúncia não é vazia. Preenche-se de plenitude. Representa o aval de vida, de modo ativo, como realidade biológica e cultural. Revela-se, como um significante primordial, em essência e por excelência.

Os sujeitos, as instituições, os paradigmas, ou seja, tudo que ambiciona ter vida possui um pré-requisito. Precisa de uma nomeação, como um estatuto simbólico, que singulariza as impressões digitais de uma identidade. O termo Paradigma parece ser um dos pontos de partida, para a sua compreensão. Kuhn (2000 a, p. 67) o observa, com um sentido específico. É o “modelo”. O que Platão (1997 b, p. 1331) denominou como “Arquétipo”.

Barthes (Ibidem, 1971) refere às relações Sintagmáticas e as Paradigmáticas. As primeiras trabalham o mesmo pelo mesmo, quase de modo tautológico. As Paradigmáticas o mesmo, através do outro. Contemplam a alteridade. Configuram uma perspectiva complexa a respeito da percepção da realidade.

Nesse sentido, temos o Paradigma, como “modelo”, em Kuhn, e “Arquétipo”, em Platão. As suas relações e as suas inter-relações se mobilizam pela perspectiva da alteridade, conforme Barthes. A perspectiva da alteridade sustenta uma categoria dialética. É a Relação, uma realidade só existe, à medida que outra realidade tenha existência. Nada está, absolutamente, separado. Nada é, absolutamente, igual.

A própria categoria Relação não está separada. Encontra-se em diálogo com outra Lei da Dialética. É a Totalidade, como o repertório das relações e inter-relações das partes com o todo, articulando as dimensões objetivas e subjetivas, em seus aspectos dinâmicos e essenciais.

Opção por Paradigma

A opção de Morin pelo termo, “Paradigma”, carrega uma carga cultural. É a categoria Relação e a Lei da Totalidade Social, que pertencem ao método Dialético. Podemos nos interrogar sobre qual Dialética? A caminhada teórica e metodológica do



Sujeito Morin não denega a sua condição de ex-comunista, discípulo do pensamento marxista. A Dialética se adjetiva. Aparenta ser marxista.

Morin (1999 b, p. 31-32) faz um resgate etimológico. Recorre ao Latim – “Complexus é o que se tece junto”. Ele especifica a tarefa da “Complexidade de unir (contextualizar e globalizar), e aceitar o desafio da incerteza”. Ele (Ibidem, 2001, p. 45) complementa:

(...) A Complexidade é, cada vez mais, uma cumplicidade de desconstrução e de criação, de transformação do todo sobre as partes e das partes sobre o todo (...).

Também, Morin (s. d. b, p. 7) caracteriza as práticas do pensamento simplificador, para melhor diferenciá-lo do pensamento complexo:

(...) Idealizar (crer que a realidade pode reabsorver-se na ideia, que só o inteligível é real; racionalizar (querer encerrar a realidade na ordem e na coerência de um sistema, proibi-la de transbordar para fora do sistema, de precisar justificar a existência do mundo, conferindo-lhe um certificado de racionalidade); normalizar (isto é, eliminar o estranho, o irredutível, o mistério (...)).

Ao perfilar a singularidade das práticas de Idealização, de Racionalização e de Normatização, Morin estipula o seu conceito sobre o pensamento simplificador, tecendo os seus limites. Aludem, por oposição, também, os fios de sua Complexidade.

Barthes (Ibidem, 1988) lembra que o resgate da Etimologia possui importância. Significa uma maneira de valorização da hegemonia do significante, em relação ao significado, sendo uma prática, própria da concepção do Estruturalismo sobre a questão de produção de conhecimento.

O Signo-objeto, de Morin, condensa as influências culturais da Dialética marxista e do Estruturalismo. Tal simbiose não é anônima. Tem um nome e um endereço epistemológico: a Dialética Histórico-Estrutural (DHE), como um paradigma síntese, de caráter derivado.

A DHE é um método, que compatibiliza a Estrutura com o movimento. Passou a contar com maior visibilidade a partir da década de 60, do século XX, através de pensadores importantes. Destacaram-se, entre outros, Claude Lévi-Strauss, na Antropologia, Jacques Lacan, na Psicanálise, Louis Althusser, no Marxismo, e o próprio Barthes, na Semiologia.



Cabe discernirmos o Materialismo Histórico, concebido por Karl Marx, como método de estudar a História, tendo, como objeto de estudo, a Luta de Classes. A Dialética marxista, por sua vez, significa o método de produção do Conhecimento. Está alicerçado nas possibilidades de movimento e de transformação da realidade social e histórica. Logo, o Signo-objeto – a Complexidade – possui a sua textualidade, marcada e demarcada pelas digitais culturais da DHE. Esta se caracteriza como um diálogo entre o Estruturalismo e a Dialética marxista. Configura-se como um paradigma, sustentado pela sua capacidade de síntese.

O Signo metodológico estabelece o conceito sobre as práticas da produção de Conhecimento. É instituído e constituído por sete Princípios da Complexidade, inscritos e circunscritos na rubrica da Transdisciplinaridade. Morin (Ibidem, 1999, p. 32-34) os singulariza, sem valoração de hierarquia: “O Primeiro é o Sistêmico ou Organizacional, o Segundo, o Hologramático, o Terceiro, o Anel Retroativo, o Quarto, o Anel Recursivo, o Quinto, o Auto-eco-organização, o Sexto, o Dialógico, e o sétimo, o da Reintrodução”.

O Sistêmico ou Organizacional liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo. O Hologramático observa que as partes estão no todo, e vice-versa. O Anel Retroativo estipula que a causa age no efeito, e vice-versa. O Anel Recursivo estabelece que o produtor faça o produto, e vice-versa. O Dialógico sustenta que os opostos, os diferentes dialogam na Complexidade. Por fim, a Reintrodução vê o conhecimento, como um processo, que envolve o sujeito e o objeto (Morin, Ibidem).

O Sistêmico ou Organizacional denota as marcas culturais de Pascal. Ele (Ibidem, 1997 b, p. 1350-1355) afirma que a produção científica depende da associação entre a emoção e a razão. É a sua configuração da ideia do todo. Também, conotativamente, as partes e o todo dialogam dentro da perspectiva de duas categorias. São a Estrutura e a Relação, explícitas nos olhares metodológicos da DHE.

O Hologramático, como representação, configura uma bela metáfora. Está indexado à categoria de Estrutura, como “o simulacro, que revela o objeto”, o que, sobremaneira, este não conseguia revelar, por si mesmo, de acordo com Barthes (Ibidem, 1971, p. 299).

O Anel Retroativo, o Anel Recursivo e o Auto-eco-organização existem, à medida que duas categorias tenham existência. São, novamente, a Estrutura e a Relação. Aparecem, de forma enfática, bem ao sabor epistemológico da DHE.

Morin, em suas intencionalidades e em suas não-intencionalidades, apresenta um apuro textual. Ele sabe, como poucos, eleger a palavra certa, até para o espaço e o tempo



incertos. É o caso da opção por Anel, materializando a ideia de círculo, que conota a noção do todo.

O Dialógico não deixa de ser um resgate etimológico. É a origem da Dialética, na Grécia antiga. Configura-se, outra vez, uma prática do Estruturalismo – o apego à Etimologia –, em dueto com a Dialética. Eis a reiteração da DHE. Qualquer processo dialógico acontece, através do agenciamento de duas categorias. São a Estrutura e a Relação. Sem elas, não há como materializar o dialogismo.

Por fim, a Reintrodução sustenta a produção de Conhecimento, como um processo, que envolve o objeto e o sujeito. Sintetiza, com isso, as práticas do Conhecimento complexo, comprometido com a interação das partes com o todo, e vice-versa.

Ao evocar o Dialogismo entre o objeto e o sujeito, Morin faz a contramão de dois significantes básicos do Pensamento linear. São os fetichismos do Positivismo, com a divinização da objetividade, e do Marxismo ortodoxo, com a fé absoluta no determinismo econômico.

Há, no entanto, no discurso de Morin, ao evocar o objeto e o sujeito, duas realidades subjacentes. As Condições Objetivas e as Condições Subjetivas, evocadas, anteriormente, pela DHE, procurando abraçar o sentido do todo. Não há como desvincularmos o Signo metodológico da Complexidade das suas derivações da DHE. Esta, entre outras influências culturais, parece ser essencial, à qual Morin parece nutrir, com sua admirável fidelidade epistemológica.

Morin (*Ibidem*, 1999, p. 64-65) dimensiona a importância do Conhecimento. Ele observa que o Conhecimento está no próprio ser, porquanto “nascer é conhecer”. Também, pormenoriza:

(...) O Conhecimento é necessariamente: tradução de signos/símbolos e em sistemas de signos/símbolos; construção, ou seja, tradução construtora a partir de princípios/regras, que permitem construir sistemas cognitivos, articulando informações/signos e símbolos; solução de problemas, a começar pelo problema cognitivo da adequação da construção tradutora à realidade, que se trata de conhecer (...).

A conjugação da ação de conhecer está relacionada à linguagem. Não é uma tradução qualquer, mas uma “tradução construtora”, aparelhada de “princípios/regras”. Precisa ter a capacidade de revelação e a autocapacidade do seu relativismo, porque o real, em toda a sua extensão e profundidade, é indizível.



Tal Antítese aparenta dispor de uma Síntese, através do Dialogismo, onde os opostos encontram os seus vértices de diálogo. Também, a Reintrodução tem importância, concebendo o Conhecimento, como um processo, que envolve o objeto e o sujeito. Assim, conhecer é viver, e vice-versa. A equivalência e a reciprocidade de sinonímia instauram o conhecer-viver, como o todo, em interação com as partes. São os vários lados, tecidos pela Complexidade.

Morin propõe um novo Signo-objeto. É a Complexidade. Distingue-se do objeto da DHE – os eventos históricos, em seus aspectos culturais e ideológicos. É transdisciplinar, em sua essencialidade. Transcende a geografia das Ciências Sociais e Humanas. Procura ocupar os espaços dialógicos entre todas as ciências.

A Interdisciplinaridade prevê a colaboração entre diferentes disciplinas. Preserva, entretanto, os seus objetos de estudo. Apresenta limites, agendando-se como uma colaboração circunstancial e sazonal. Ao contrário, a Transdisciplinaridade derruba os muros e as cercas. Põe abaixo os limites e as separações. Instaura a dialogicidade entre as disciplinas, de modo permanente.

Morin não inventou a Complexidade, mas teve um mérito apreciável. Transformou-a em um objeto do estudo científico. Concedeu-lhe relevância. Delimitou-a, contemplando o benefício à incerteza e desenhando a sua fisionomia transdisciplinar. Emergiu um novo Signo-objeto, para a cientificidade. Saiu da imersão das entrelinhas, do subtexto e do oculto nos bastidores discursivos. A Complexidade ascendeu à condição de objeto científico, em sua inscrição de relevância.

O processo de nascimento de um novo objeto, para a prática científica. Tem, em Althusser (Ibidem, 1992, p. 76), uma nomeação. É o “corte epistemológico”. Morin, com a Complexidade, produziu, então, um, ensejando um novo mirante, para o olhar da cientificidade.

Um novo Signo-objeto não vive isoladamente. Necessita da convivência dos Signos teórico e metodológico. A sua relação não é Sintagmática apenas, mas, sobremaneira, Paradigmática, para a composição do seu código e estatuto epistemológico, próprios de sua afirmação científica.

Não há como propor a Complexidade, sem considerar as categorias Estrutura e Relação, bem como a Lei da Totalidade Social, próprias da DHE. Se elas são essenciais, não devem ser subjacentes, ou meros armarinhos da implicitude do discurso oculto.

Althusser (1985 a, p. 56) conceitua a “juventude de uma ciência”:



(...) é a sua idade madura: antes dessa idade, ela é velha, tendo a idade dos preconceitos, em que vive, como uma criança vive os preconceitos e, portanto, a idade de seus pais (...).

Portanto, o Paradigma da Complexidade é uma opção metodológica jovem. Apresenta um signo-objeto, um signo teórico e um signo metodológico compatíveis. Traz algumas características essenciais, para a concepção e a produção do Conhecimento complexo, com influências do Estruturalismo e da DHE. Propõe a sua provisoriedade, acolhendo as certezas e as incertezas. É um diálogo da unidade e da diversidade, através da Transdisciplinaridade, com as suas completudes e com as suas incompletudes, em seu sabor e tessitura históricos.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan – Marx e Freud. 3ª. ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- _____. O Futuro dura muito Tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BARTHES, Roland. Ensaio Críticos. Lisboa: Edições 70, 1971.
- _____. Escritores, Intelectuais, Professores e outros ensaios. Lisboa: Presença, s. d..
- _____. O Rumor da Língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- KUHN, Thomas. S. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LUKÁCS, Georg. História e Consciência de Classe - estudos de Dialética marxista. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.
- MORIN, Edgar. O Método 3 - o Conhecimento do Conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.



_____. O Método 1 - a Natureza da Natureza. Lisboa: Europa – América, s. d..

_____. As duas Globalizações - Complexidade e Comunicação, uma pedagogia do presente. Porto Alegre: Edipucrs, 2001 a.

_____. O Método 4 - as Ideias, habitat, vida, costumes e organização. 3ª. Ed.. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. O Método 2 - a Vida da Vida. Porto Alegre: Sulina, 2001 b.
PASCAL apud Logos - Enciclopédia Luso – brasileira de Filosofia. v. 3. Lisboa: Editorial Verbo, 1997.

PLATÃO apud Logos - Enciclopédia Luso – brasileira de Filosofia. v. 3. Lisboa: Editorial Verbo, 1997.